

**DISCOS**

**ORFEU**

**1956—1983**

**IMAGENS/**

**PALAVRAS/**

**SONS**

<b>Eduardo Pinheiro, Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos</b>	<b>5</b>
<b>Fernando Rocha, Vice-Presidente e Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Matosinhos</b>	<b>7</b>
<b>José Bártolo, Curador</b>	<b>9</b>
<b>Núcleos</b>	
<b>01</b> <b>1956—1959</b> <b>NO INÍCIO ERA O VERBO</b>	<b>11</b>
<b>02</b> <b>1960—1967</b> <b>TROVAS DO VENTO QUE PASSA</b>	<b>13</b>
<b>03</b> <b>1968—1975</b> <b>VOZES DA REVOLUÇÃO</b>	<b>15</b>

<b>04</b>	<b>33</b>
<b>1976—1979</b>	
<b>ENTRE VÊNUS E MARTE</b>	
<b>05</b>	<b>35</b>
<b>1980—1983</b>	
<b>○ FIM DA AVENTURA</b>	
<b>O DESIGN DA ORFEU</b>	<b>37</b>
<b>José Bártolo</b>	
<b>Testemunhos</b>	
<b>Fausto Bordalo Dias</b>	<b>41</b>
<b>Vitorino</b>	<b>42</b>
<b>João Carlos Callixto</b>	<b>43</b>
<b>TALVEZ UM BURGUÊS</b>	<b>45</b>
<b>Arnaldo Trindade</b>	



Eduardo Pinheiro

Presidente da Câmara  
Municipal de Matosinhos

Não sendo possível ter assistido a todos os momentos históricos ocorridos desde que o mundo é mundo, pode-se, todavia, procurar corrigir a ignorância inerente a esta incapacidade com a aquisição do conhecimento indireto daqueles episódios – aquilo a que vulgarmente se designa pela expressão *cultura geral*. É para esse efeito que existem os livros, os museus, os filmes e os documentários de televisão.

No domínio mais restrito do design, a Casa do Design de Matosinhos cumpre a função de mostrar de que modo esta disciplina marcou uma determinada época, contaminando e deixando-se contaminar por outras artes e movimentos sociais. É neste contexto que surge a exposição dedicada à editora discográfica ORFEU, cuja importância para a divulgação musical em Portugal (e para a história do design) é já pouco conhecida pela geração a que pertencemos.

Todos, de algum modo, temos no ouvido as palavras e a melodia da *Grândola, Vila Morena* do José Afonso, escutada pelo menos uma vez por ano. Quem, todavia, nunca tenha visto a capa original do disco de vinil dessa icónica canção, pode agora ficar a conhecê-la na Casa do Design.



Fernando Rocha

Vice-Presidente e Vereador da Cultura  
da Câmara Municipal de Matosinhos

Antes de ter sido publicado no livro *Gente de Terceira Classe*, de 1962, o conto *O Anel de Contrabando*, de José Rodrigues Miguéis, foi gravado em disco, crê-se que ainda em 1959, para a editora portuense ORFEU. O LP (essa velharia que agora ressuscita) que integrava a coleção *Antologia dos Prosadores Portugueses* contribuiu, na época, para a divulgação daquele que é um dos maiores prosadores da nossa língua, então praticamente desconhecido depois de mais de vinte anos de exílio (e quem se lembra dele hoje?).

A história do disco *José Rodrigues Miguéis por José Rodrigues Miguéis* e da coleção *Antologia dos Prosadores Portugueses* é fundamental para perceber a importância histórica da editora fundada por Arnaldo Trindade, a qual, naturalmente, se dedicava sobretudo à divulgação musical, do jazz à música popular portuguesa da época. Mais do que uma editora disto ou daquilo, porém, a ORFEU foi uma instituição cultural ímpar, que só um país perdulário se pode ter dado ao luxo de desbaratar. A exposição que agora se apresenta na Casa do Design de Matosinhos é, assim, uma forma de resgatar ao menos uma parte desta história gloriosa e triste.





Criada em 1956 pelo empresário português Arnaldo Trindade, a editora discográfica Orfeu ostentou desde o início a divisa *Disco é Cultura*.

Até ao desenvolvimento da edição digital, a edição fonográfica em disco de vinil esteve associada a uma importante indústria de grande impacto, quer económico quer sociocultural. Na perspetiva do design, as capas de discos foram sempre um suporte valorizado de criação gráfica. A história do design guarda, com relevância, as capas de Alex Steinweiss para a *Columbia Records*, de Paul Rand para a *Decca* ou, mais recentes, de Peter Saville e Vaughan Oliver respetivamente para a *Factory* e *4AD*, porém o conhecimento do design das capas de discos em Portugal permanece escasso.

DISCOS ORFEU 1956—1983, IMAGENS/PALAVRAS/SONS é a primeira grande exposição sobre uma editora discográfica portuguesa. Centra-se na mítica ORFEU, a editora que se lança em 1956, gravando os poetas e prosadores portugueses a dizerem os seus próprios textos, e se consolida na década de 70 como a editora de Adriano Correia de Oliveira, José Afonso, Fausto, Sérgio Godinho, mas também dos conjuntos populares Maria Albertina e António Mafra e do rock dos Titãs e Pop Five Music Incorporated. Também pelas suas capas *disco foi cultura*, com

a notável fotografia de Fernando Aroso, Eduardo Gageiro ou Patrick Ullmann, associada ao design gráfico de nomes como Moreira Azevedo, José Santa-Bárbara, José Brandão, José Luís Tinoco ou Alberto Lopes.

Contar a história da ORFEU é revisitar a história do Portugal contemporâneo, entre 1956 e 1983, e a utopia como política associada a um projeto único que, surgindo no contexto da ditadura do Estado Novo e encerrando no regime democrático dos anos 80, não deixou nunca de trilhar o seu curso livre, inovador e revolucionário.

01

1956—1959

NO INÍCIO

ERA O VERBO

Arnaldo Trindade nasceu no Porto em 1934. O seu pai tinha a representação da companhia norte-americana *Philco* desde 1935, que diferenciava uma grande loja de eletrodomésticos na Rua de Santa Catarina. Estudou no Liceu Alexandre Herculano onde teve como professor António Cobeira, que pertencera à *Orfeu* de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. As férias de verão eram com frequência passadas em casa de um tio nas proximidades de Nova Iorque—“viagens ao futuro”, como lhes chamava.

No Porto o mundo das artes era-lhe próximo, partilhando com o amigo Moreira Azevedo o convívio com diversos artistas. Foi sócio do Cineclub e acompanhou de perto a evolução do Teatro Experimental, tendo vivido ativamente esse período a que chamou de “Renascimento” das artes no Porto.

O contacto com os discos era-lhe tão familiar como o interesse pela poesia e pela prosa literária. A leitura da *Bill-*

*board* e da *Cashbox* era partilhada com os poetas que tanto admirava — de Mário de Sá Carneiro a Daniel Filipe.

Quando decidiu criar uma editora discográfica a ambição era clara, registrar grandes vultos da literatura lendo os seus próprios textos. Com pouco mais de 20 anos conseguiu convencer Miguel Torga a gravar a leitura dos seus textos. Moreira Azevedo será camarada de armas do início da aventura ORFEU e a sua cultura visual e talento marcarão a identidade gráfica dos primeiros anos da editora.

O catálogo ORFEU possibilitou um registo fonográfico ímpar de poetas e prosadores. Numa longa lista, encontram-se os nomes de Ferreira de Castro, Aquilino Ribeiro, José Rodrigues Miguéis, Daniel Filipe ou Agustina Bessa-Luís. Uma das obras-primas da ORFEU é, incontornavelmente, *As Mãos e os Frutos* (1959) de Eugénio de Andrade musicado, com maestria, por Fernando Lopes Graça.

02

1960—1967

TROVAS DO VENTO  
QUE PASSA

A par da edição dos poetas e dos prosadores, a ORFEU desenvolverá gradualmente o seu catálogo musical. Efetivamente, o primeiro disco ORFEU é uma gravação do Conjunto Heinz Werner que, juntamente com Walter Behrend, Francisco Serrano e Digno Garcia y Los Paraguayos, associarão a editora a ritmos de música ligeira, jazz e latina.

A aposta em jovens músicos, orquestradores e intérpretes refletir-se-á rapidamente numa alargada diversidade do catálogo, que passará a editar Pedro Osório e Adriano Correia de Oliveira. Conjuntos como António Mafra, Pais e Filhos ou Maria Albertina garantem sucessos comerciais e tornam a ORFEU competitiva dentro do registo popular e folclórico; Adriano será responsável pela integração das novas vozes de Coimbra, em particular de José Afonso, e mais tarde da canção de intervenção.

No design das capas, Fernando Aroso ocupará o lugar protagonista de Moreira Azevedo, consolidando diver-

**os registos fotográficos que se tornarão icónicos na sua relação com registos musicais específicos: a fotografia narrativa, encenada, por vezes melodramática, para autores como Tristão da Silva, ou a fotografia etnográfica, bucólica, para a edição de música de folclore.**

03

1968—1975

VOZES DA  
REVOLUÇÃO

Na viragem dos anos 60 para a década de 70, Arnaldo Trindade conseguiu reunir na sua editora os maiores intérpretes da música portuguesa, como José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Fausto, Vitorino, Júlio Pereira, Paulo de Carvalho, José Cid ou Sérgio Godinho. Tal conquista deveu-se essencialmente à coragem do editor em se confrontar com a censura prévia, a apreensão de discos pela PIDE e a ausência de retorno comercial de alguns artistas.

O sistema contratual da editora, em relação a muitos dos artistas, era original e inédito. A regra geral era a de estabelecer uma mensalidade para os artistas (sem prejuízo de outra remuneração complementar em *royalties* e em direitos de autor), que tinha como contrapartida a gravação anual de um LP.

O crescimento da editora no final da década de 60 ficou em grande parte devedor da direção comercial— preocupação com o marketing e com a gestão do catálogo; or-

ganização de eventos, de que a *Convenção Internacional do Disco* promovida em Ofir em 1969 é o exemplo maior—mas, igualmente, da direção artística que, na sequência da abertura em Lisboa, na Rua da Alegria, de uma sucursal da editora, contará com uma equipa onde se destacam José Niza, Carlos Cruz e José Calvário.

Numa altura em que o grande acontecimento televisivo era o *Festival RTP da Canção*, Arnaldo Trindade decidiu apostar seriamente na participação neste evento, tendo ganho, à primeira tentativa, em 1972, com *A Festa da Vida* e, novamente, em 1974, com *E Depois do Adeus*. Não por acaso, na noite do 25 de Abril, a canção interpretada por Paulo de Carvalho será, a par da *Grândola, Vila Morena* de José Afonso—ambas canções ORFEU—uma das senhas de uma revolução e abertura democrática que a editora tenazmente havia já, no seu seio, consolidado.



04

1976—1979

ENTRE VÊNUS  
E MARTE

A cantiga foi uma arma e assim continuará a ser depois do 25 de Abril. A *Revolução dos Cravos* tem lugar num momento em que Fausto se encontrava a gravar um novo álbum, produzido por Adriano Correia de Oliveira. Chamar-se-á *P'ró Que Der e Vier* e a excelente fotografia de capa de Luís Martins e P. Almeida ajudará a tornar numa edição icónica. No ano seguinte, Fausto edita *Beco Com Saída*, um disco profundamente marcado pelas transformações políticas da época. Era o tempo da canção-ao-serviço-da-revolução e o disco retrata com fidelidade esse particular contexto sociopolítico.

*Madrugada dos Trapeiros*, editado em 1977, inclui aquele que permanece como um dos maiores êxitos do músico: *Rosalinda*, um belíssimo manifesto ecológico. É, ainda, um disco com uma profunda carga política, mas onde é já possível vislumbrar as novas preocupações estéticas do seu autor, nomeadamente através da utilização sistemática

de elementos tradicionais que, inegavelmente, coexistiam dentro da ORFEU.

Os ares de rock terão, igualmente, lugar na editora, com destaque para o trabalho dos Pop Five Music Inc. e para o incontornável *10.000 Anos Depois Entre Vénus e Marte* de José Cid, editado a 15 de Maio de 1978, que se tornará disco de culto dentro do rock sinfónico.

A liberdade de edição e a estabilidade financeira da editora vão permitir uma maior aposta na qualidade gráfica, com autores como Manuel Vieira, José Santa-Bárbara e José Brandão a desenharem algumas excelentes capas.

05

1980—1983

O FIM DA  
AVENTURA

A partir de 1976, com a ida de Carlos Cruz para a RTP como Diretor de Programas, a eleição de José Niza para a Assembleia Constituinte e a partida de José Calvário para a Suíça, a ORFEU vive alguma indefinição artística que se reflete, igualmente, numa progressiva fragilização da qualidade do seu design.

A importância de Noly Trindade era já evidente desde o final da década de 70, devendo-se-lhe a reunião de músicos de estúdio para a criação do projeto musical The Giants, que em 1977 editarão 3 LPs de grande sucesso comercial.

O interesse de Arnaldo Trindade pela *palavra dita* levá-lo-á a uma bem sucedida aposta em Mário Viegas que gravará, em 1978 e 1980, os seus dois últimos discos para a ORFEU: *Pretextos para Dizer...* e *Humores*.

Muito relevante é, igualmente, a edição ligada à renovação da guitarra portuguesa, representada pelos dois discos de Pedro Caldeira Cabral, *Encontros* (1982) e *A Guitarra*

***Portuguesa nos Salões do Séc. XVIII (1983).*** Depois da compra da *Rádio Triunfo*, em 1979, a empresa *Movieplay Portuguesa* adquiriu, em 1983, todo o catálogo da *Arnaldo Trindade & Companhia, Lda.*, tendo, definitivamente, abandonado as etiquetas *Rádio Triunfo* e ORFEU em 1985. A aventura iniciada por Arnaldo Trindade chegava ao fim quase trinta anos após o seu início.

Não se pode, com rigor, analisar o trabalho gráfico associado a uma editora discográfica sem se considerar o contexto económico, social e político que a envolve.

Prensar discos de vinil em Portugal, como a ORFEU o fez em continuidade entre 1956 e 1983, pressupunha capacidade de investimento e vincada determinação, perante as adversidades evidentes de o fazer num país pobre, periférico, com baixa instrução e atrofiado por um regime ditatorial.

Na década de 50, a indústria discográfica encontrava-se numa fase determinante da sua transformação. Os discos de vinil substituíam, em ritmo acentuado, os anteriores discos de goma-laca, cuja face gravada era reproduzida em grafonola a 78 rotações por minuto.

Mais atrativos que os singles (discos com 17 cm de diâmetro e uma capacidade de apenas 4 minutos por lado) e mais baratos ao nível da produção e, portanto, mais acessíveis ao consumidor do que os discos *Long Play* (com 30 cm de diâmetro), os discos EP (*Extended Play*) com 25 cm de diâmetro e, geralmente, contendo 4 faixas, tendem a ser dominantes no mercado português. De facto, a produção de EPs com selos portugueses na segunda metade do século XX será, a par da francesa, das mais ricas e diversificadas

da Europa. Algumas empresas especializam-se na produção gráfica de capas de discos e tendo com frequência um papel ativo no design das capas, com destaque para a *Gráficos Reunidos* (Porto), *Marânus* (Porto), *Sericrom* (Oeiras), *Solito* (Maia), *Litografia Artistas Reunidos* (Porto) e *Tipografia Severo Freitas* (Lisboa).

Se, salvo algumas exceções, a tipografia é solucionada de forma mais prática e, por isso, por vezes menos criteriosa, a fotografia e a ilustração assumem uma importância comercial e artística muito relevante sendo, no caso concreto da ORFEU, envolvidos inúmeros fotógrafos e designers que ajudam a consolidar um nível de qualidade gráfica que caracteriza a editora.

O primeiro disco ORFEU, uma gravação do Conjunto Heinz Worner (AT 500), é uma capa com uma ilustração próxima da Escola de Nova Iorque, onde a influência de Alex Steinweiss pode ser reconhecida. Moreira Azevedo desenhará diversas capas magníficas, como a do primeiro EP da ORFEU (ATEP 6000), também do Conjunto Heinz Worner, ou a do disco *Luís Veiga Leitão por Luís Veiga Leitão* (AT 516), que definem a identidade visual da ORFEU nos seus primeiros anos de vida.

Fotógrafo com ligações ao Teatro Experimental do Porto, Fernando Aroso substituir-se-á, progressivamente, a Moreira Azevedo como o principal protagonista do design das capas da editora.

No início da década de 70, José Niza e Carlos Cruz assumirão acentuado protagonismo na direção artística da

**ORFEU**, seja ao nível do catálogo seja na escolha dos fotógrafos e designers. Entre as capas fotográficas que ajudaram a tornar a **ORFEU** uma editora de referência, para além dos trabalhos mais conhecidos—como o retrato de José Afonso pela lente de Ullman em *Grândola, Vila Morena*—, são inúmeras as capas notáveis, como a de Nuno Nazareth Fernandes para *Solidariedade* (TSAT 304) do Grupo Vector ou de Luís Martins e P. Almeida no fundamental *P'ró Que Der e Vier* de Fausto.

Entre os diversos fotógrafos que colaboraram com a **ORFEU** (onde o nome de João Paulo Sotto Mayor é incontornável), Fernando Aroso é um caso ímpar, seja pelo grande número de trabalho realizado seja pela diversidade notável de registos, criando discursos visuais que se tornarão quase canónicos de diferentes registos musicais, mas em particular da música popular e folclórica.

Fotografia e ilustração coexistem em algumas capas. Em *Que Nunca Mais* é precisamente a força da relação entre a ilustração de Maria Keil (responsável pelo design da capa) e a fotografia que se destaca.

Entre as capas que exploram a ilustração, alguns trabalhos merecem realce. São os casos, entre outros, de *Com as Minhas Tamanquinhas* (STAT 036) de João Azevedo, *Quem Cala Consente* (STAT 063) de Rogério Ribeiro ou a icónica capa de *10.000 Anos Depois Entre Vénus e Marte* desenhada por Isabel Nabo.

Entre os designers-ilustradores, José Brandão assume protagonismo, seja nos desenhos de animais antropo-

morfizados que dominam a capa/contracapa de *Coro dos Tribunais* (STAT 026) seja na colagem para *Melro* (FPAT 6008) de Janita Salomé, das mais bonitas.

Entre as capas mais puramente gráficas, os diversos trabalhos de José Santa-Bárbara evidenciam uma elevada sofisticação formal. Também Eu Jorge assina algumas capas importantes entre as quais se pode destacar *Bota Fora* (STAT 030). José Luís Tinoco, Bernardo Frey, Miranda ou J. Bugalho são, igualmente, figuras relevantes na criação visual da ORFEU, que encontra em Miguel Vieira o autor de algumas das abordagens mais assumidamente pop, como se exemplifica na extraordinária capa de *Isto é Espectáculo!* (SPAT 4010) dos Bric-à-Brac.



## TESTEMUNHOS

Fausto Bordalo Dias

Poderia antes ter sido um simples modo de divulgação de produto de venda fácil. De uma produção a custo zero revelada em somas de garantido lucro. De uma estética maneirista em explosão de folclóricas rusgas. De uma coisa qualquer que nunca foi. Porque para além de tudo, foi. Foi, apenas, a difusão da poesia gravada e recitada pelos próprios poetas. De Miguel Torga a Daniel Filipe. Entre outros. Foi, apenas, a recolha e a edição de Música Tradicional Portuguesa. Os Pauliteiros de Miranda em LP onde aprendi *laços e repasseados*. Ainda hoje adornam e enriquecem a música que eu escrevo. Foi apenas a guarida de uma geração de músicos promovidos e divulgados por entre os dedos de uma mão de *lápiz azul* do regime de Salazar. Muitos foram esses cantores. Cito apenas dois nomes à memória de Adriano Correia de Oliveira e José Afonso. Entre todos os editores que ao longo da minha vida foram, apenas àquele, que foi o meu primeiro editor, dedico com apreço e estima, uma amizade que perdura até hoje — Arnaldo Trindade.

Ele foi o meu primeiro editor.

## Vitorino

Começou em Coimbra o movimento cultural e político que renovou a música ligeira portuguesa do séc. XX. No fim dos anos 50, só a Amália Rodrigues emergia do pântano estacionário em que tinha mergulhado a música. Com José Afonso e Adriano Correia de Oliveira acontece a ruptura que resulta no que convencionou chamar-se a Música Popular Portuguesa. Volta pois a despertar todas as curiosidades esta nova estética que se envolve com o movimento social e vai acompanhá-lo numa meia clandestinidade até ao 25 de Abril, explodindo depois em grande alegria e divulgação. É pois justo dizer para a história, que a grande e fundamental editora de tudo isto que se passou foi a ORFEU, dirigida pelo Sr. Arnaldo Trindade.

Lembro-me muito bem do dia em que fui apresentado no Porto, na Rua de Santa Catarina, ao Sr. Arnaldo (como era por nós, quase familiarmente, tratado). E fui, pela mão enorme e generosa do Adriano, com uma viola muito velha que sempre toquei mal, e o atrevimento da minha ignorância. Como ia fazer um contrato sem maquete, o Adriano propôs-me: “Canta aí o que sabes para o Sr. Arnaldo ouvir”. E cantei. Uma moda alentejana adaptada à viola e voz, chamada *Menina Estás à Janela*. O Sr. Arnaldo chamou para a audição alguém que julgo chamar-se Gandarela e que podia ser um A.R. do tempo. Finda a audição perguntou-lhe se eu era viável, ao que ele respondeu: “Talvez”. Saí da Rua de Santa Catarina para o *Restaurante Manuda* onde fomos celebrar o meu primeiro contrato como cantor. Era pois costume da editora festejar tudo e passei a ter o privilégio que o Zeca e o Adriano tinham, de poder alojar-me no *Hotel Batalha* sempre que o desejasse e por conta e risco da ORFEU.

Dizia o Zeca do Sr. Arnaldo (que usava o cabelo muito comprido e vestia elegantes fatos de veludo), que lhe lembrava um mecenas da Renascença Italiana. De tudo o que lembro da vivência desse tempo bom, é essa imagem do Zeca que dá mais clareza à ideia que sempre guardei do Sr. Arnaldo: um homem elegante no trato e um bom amigo.

## João Carlos Callixto

Em boa hora chega esta exposição dedicada ao selo discográfico ORFEU. Numa altura em que o legado da Música Portuguesa desperta cada vez mais interesse, quer ao nível da própria comunidade musical quer ao nível académico quer ainda ao nível do grande público, é por demais importante perceber como é que a visão de um empresário—Arnaldo Trindade—contribuiu para mudar por completo a forma como hoje olhamos para a nossa música. Antes dele, apenas *Valentim de Carvalho* tinha personificado de forma semelhante o trabalho de uma editora discográfica—e, depois dele, estará ainda para vir quem possa olhar por cima dos ombros destes dois gigantes.

Conheci Arnaldo Trindade no Porto, em 2010, na altura da realização da série da RTP *Estranha Forma de Vida*. Se já tinha um respeito imenso pelo seu trabalho e uma gratidão por, graças a ele, a obra musical de José Afonso ser das mais vastas da nossa música (entre tantas outras coisas, como perceberemos todos melhor nesta exposição), fiquei desde logo rendido a um Homem que, fugindo a sectarismos antes e depois de Abril, teve a coragem e a ousadia de publicar dos mais belos pedaços de arte em forma de disco. E não se pense que esta apenas girava a 33 ou a 45 rotações: para o selo ORFEU, um disco sempre foi um objecto cultural, e é também por isso que as edições que preencheram a história de cerca de um quarto de século da editora têm ilustrações, fotografias ou grafismos de transgressão: ora mostravam o simples quando se esperava o complexo ora entravam em surrealismos quando o mote parecia clássico. Porque para Arnaldo Trindade tudo é arte se for feito com entrega—e ele entregou-se sempre por demais à ORFEU. *Ars Longa, Vita Brevis*—venham mais vidas assim, sempre repletas de amigos!



**TALVEZ UM BURGUEËS****Arnaldo Trindade**

Nunca consegui despir  
a casaca da Burguesia  
burguesia liberal

Afinal sem ela  
como Zeca dizia  
não se faziam revoluções

Gostaria antes  
de ter sido andarilho  
Guitarra às costas  
Abril e Maio a cantar

Como cantam as cigarras  
esquecidas de trabalhar  
Apostas de então  
em baladas de contestação

Ir de peregrinação com o Fausto  
em aventuras trágico-marítimas  
à busca das Montanhas Azuis  
Por Esses Rios Acima

Ter a voz do Adriano  
Com ele cantei  
e desafinei em coros de amigos

Sobreviver com  
Sérgio Godinho  
Nos tempos mindinhos  
daqueles difíceis de viver

Cantar serenatas  
às belas alentejanas  
que estão à janela  
hinos do além Tejo  
Com Janita e Vitorino

Dizer poesias  
como Mário Viegas  
ou fazê-las  
como Zé Nisa  
as fazia

Sonhos realizados em discos  
no tempo dos grandes riscos

Poucos eram os (outros)  
que os queriam correr  
Talvez um burgueês  
de quando em vez.

Jornal

—

Edição

**José Bártolo**

Textos

**Arnaldo Trindade**

**Eduardo Pinheiro**

**Fausto Bordalo Dias**

**Fernando Rocha**

**João Carlos Callixto**

**José Bártolo**

**Vitorino**

Revisão

**Mafalda Martins**

Design Gráfico

**Inês Nepomuceno**

**Susana Carreiras**

Impressão

**Risografia**

**Sofia Meira**

**ESAD, Escola**

**Superior de**

**Artes e Design**

Exposição

—

Organização

**Câmara Municipal**

**de Matosinhos /**

**esad—idea,**

**Investigação em**

**Design e Arte**

Curadoria

**José Bártolo**

Coordenação Geral

**Bárbara Araújo**

**Sara Pinheiro**

Coordenação Científica

**José Bártolo**

**João Carlos Callixto**

**João Pedro Rocha**

**Noly Trindade**

Direção de Arte

**Non-verbal Club**

Design Gráfico

**Inês Nepomuceno**

Design Expositivo

**João Cruz**

**João Lemos**

Instalação

**Sofia Meira**

**Susana Carreiras**

**Tomás Lobo**

Apoio à Montagem

**Alexandre Barbosa**

**Filipe Pinto**

**José Castro**

Imagem e Som

**Ana Pinto**

**Inês Leal**

**Rui Caldas**

Web

**Diogo Vilar**

**Hugo Branco**

**Diogo Terremoto**

Seleção e Empréstimo  
de Obras

**Álvaro Azevedo**  
**Arnaldo Trindade**  
**Carlos Paes**  
**Fernando Aroso**  
**Heitor Vasconcelos**  
**Isabel Motta**  
**João Carlos Callixto**  
**João Pedro Rocha**  
**José Bártolo**  
**José Brandão**  
**Leonor Losa**  
**Noly Trindade**  
**Pedro Lima**  
**Rodrigo Affreixo**  
**Sergio Crivelli**

Agradecimentos

**Arnaldo Trindade**  
**Eduardo Morais**  
**Fernando Aroso**  
**Jaime Fernandes**  
**João Carlos Callixto**  
**Joaquim Vieira**  
**Paulo Paiva**  
**Pedro Serra**  
**Viriato Teles**

Apoio  
**Casa da Arquitectura /**  
**ESAD, Escola Superior**  
**de Artes e Design /**  
**Niepoort**

Câmara Municipal  
de Matosinhos  
—  
Presidente  
**Eduardo Pinheiro**

Vice-Presidente  
**Fernando Rocha**

Cultura  
**Clarisse Castro**  
**Maria José Rodrigues**

Casa do Design  
**Bárbara Araújo**

Comunicação e Relações  
Públicas  
**Jacinta Batista**

Assessoria  
de Imprensa  
**Jorge Marmelo**

esad—idea,  
Investigação em  
Design e Arte  
—  
Direção  
**Albano Lemos Pires**  
**Diogo Vilar**  
**João Lemos**  
**José Bártolo**  
**Sérgio Afonso**

Diretor Executivo  
**Diogo Vilar**

Diretor Científico  
**José Bártolo**

Gestão de Projeto  
**Sara Pinheiro**

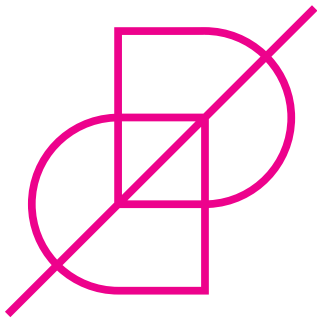
Design  
**Inês Nepomuceno**  
**Susana Carreiras**  
**Tomás Lobo**

Assessoria  
de Comunicação  
**Mafalda Martins**

APOIO



04.05—12.06  
2017



CASA DO DESIGN  
MATOSINHOS